Globethics Repository



Pacha Mama ou Pátria Grande [Pacha Mama or Big Homeland]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Gebara, Ivone
Publisher	Koinonia
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-14 02:19:50
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/223299

Pacha Mama ou Pátria Grande

Ivone Gebara

A "Terra Mãe" existia; foi conquistada; foi possuída por supostos reis, senhores e deuses; mas vieram outros deuses, senhores e reis mais poderosos; tornaram-se "maus padrastos" e tentaram (ainda tentam) estuprar todos os sonhos restantes; tentaram misturar, quais sinônimos, Pacha Mama, Pátria Grande, Mundo Global nas mentes dos que queriam vida e dignidade para todos. Aí os de Seattle, de Praga, de Quebec, de Porto Alegre e de Gênova, vieram dizer nas ruas que "os sonhos de amor e de justiças nunca morrem". Uma leitura teo-histórica

I

Antes de Bolívar sonhar com a "Pátria Grande" existia simplesmente a realidade da Pacha Mama, das terras habitadas por povos nativos que cultivavam e cultuavam a Terra como Mãe e Deusa. Dela vinham todos os bens e todas as forças. Não era, sem dúvida, um paraíso idílico onde apenas a felicidade reinava. Mas, era um lugar onde se podia viver com um mínimo de dignidade e autonomia apesar das dificuldades de todas as vidas e de todas as terras. Afinal era a terra de povos de tradições particulares que, embora se guerreassem por múltiplas razões, viviam num solo que se compunha com suas crenças e suas esperanças.

II

Então, a 'Terra Mãe' foi conquistada por 'pais' que vieram de longe. Já faz um pouco mais que 500 anos! Chegaram em embarcações especiais, cruzando mares e oceanos durante meses a fio. Foram abençoados por reis, rainhas e papas. Carregavam a espada e a cruz, forças de proteção e de fé. Atravessaram tempestades, furacões, calmarias; sofreram de fome, de sede, de doenças e muitas foram as mortes em alto mar. Tudo para realizar o sonho de uma Conquista ou a Conquista de um sonho.

Quando chegaram a terra firme, imediatamente, quiseram possuir a terra que 'tinham descoberto', torná-la colônia de seus impérios, extensão de suas terras, fonte de recursos para os projetos europeus que representavam. Fizeram-se amantes da nova terra, deliciaram-se com os frutos, beberam das águas, abrigaram-se nas florestas, mentiram para os habitantes. Despojaram-lhes as vestes, arrancaram-lhes o ouro e a prata, cortaram árvores e levaram quase tudo para seus reinos de origem. **Foi o primeiro encontro dos 'pais' estrangeiros com a "mãe terra" das futuras Américas. Encontro de medos e de cobiça. Encontro de rendição e de violência. Encontro de corpos, de cores, de odores, de humores, de falas e de falos misturando-se em transes e delírios de múltiplas intensidades.**

III

Os que ficaram na nova terra conquistada, quiseram ser os novos reis locais, os novos protetores da mãe terra, da 'mátria' que passou desde então a se chamar de 'pátria'. Foi preciso mudar seu nome por que sua Divindade já não era mais a deusa 'Mãe Terra', a Pacha Mama, mas agora quem imperava era o Deus Pai, o Deus do Céu, o único criador de todas as coisas, o que dava força e proteção aos conquistadores. A força do deus Pai parecia novamente contrapor-se à força da deusa Mãe. Ele parecia ser o vencedor e ela a vencida.

Os primitivos amantes da Mãe Terra foram rendidos, foram obrigados a aceitar o novo deus, as novas explicações do mundo, os novos donos, os novos sacerdotes e os novos rituais sagrados. O começo da nova servidão

foi duro demais. A Terra amada conhecia agora novos pés, novas botas, novos cheiros, novas vozes, novos dominadores que com seus passos e armas destruíam e construíam a seu jeito. Queriam uma nova pátria sem presença estrangeira. Sim porque eles já não se consideravam mais estrangeiros. Na sua lógica, estrangeiros eram só os primeiros chegados; estrangeiros eram os que voltaram para sua matriz de origem ou que de lá mandavam ordens. Os pais construtores da pátria eram diferentes. Queriam uma pátria livre.

Mas, nesse querer os índios nativos permaneceriam submissos e os negros escravizados. Falavam de uma pátria mestiça na cor, mas ela continuava mais ou menos branca no modelo de poder.

Lutaram bravamente para que a pátria, as pátrias fossem independentes. Brincaram de verdade com espadas e com armas de fogo. Destruíram querendo e sem querer. Depois de muito sangue e lágrimas derramadas, proclamaram finalmente a pátria livre, a pátria enfim independente dos falsos senhores.



Marta Strauch

IV

Independência ou morte era seu grito! Agora sim, os verdadeiros senhores, os nacionalistas como se chamavam iriam cuidar dela com carinho e apreço. Começaram com boas intenções, mas acabaram caindo nas mesmas velhas tentações e ações de cobiça. A tentação do ouro, das terras, dos corpos de mulheres e homens a seu serviço era grande demais. Não dava para resistir. Ser senhor de uma terra, de terras e gentes fazia-os viver a irresistível tentação de ser deus. É claro que a tentação era inconfessada, mas nem por isso deixava de ser efetiva.

Que suprema excitação poder ser deus, mandar nas vidas alheias, rir com seus medos, dobrá-las à sua vontade, vê-las lamber-lhes as botas, suplicar ajudas, derramar lágrimas de arrependimento, pedir clemência!

Que supina satisfação de serem considerados conhecedores do bem e do mal, capazes de decidir sobre a vida alheia até em suas minúcias cotidianas!

Que prazer imenso ser chamado de "senhor", depois de "doutor" e ser saudado com reverência e apreço!

Que supremo deleite contemplar plantações, ver escravas e escravos a trabalhar a serviço dos únicos donos e senhores da terra!

Que consolo imenso acreditar que faziam o bem pois livravam nativos e nativas da ignorância e do desconhecimento do deus cristão!

Que prêmio eterno os esperava para além da terra, do ouro e da prata que já usufruíam, prêmio de um lugar na eternidade, nos céus, junto àqueles que conquistaram impérios para deus. Cruzes e água benta estavam ali para confirmar seus atos e confortar suas consciências. Afinal os meios pareciam válidos diante da finalidade maior de salvar almas para o império divino! Nenhum sacrifício era grande demais diante da recompensa maior de salvar-lhes as almas e gozar das alegrias espirituais de deus, depois desta vida. Vida de trabalho e gozo senhorial, mas terrível desterro e "vale de lágrimas" para os pobres.

Este foi um tempo, foi um dia, foi um capítulo da longa história...

V

Vieram depois outros pais ou novos padrastos que mais uma vez roubaram a mátria agora chamada pátria. Não queriam mais que se falasse de "pátria grande", mas de pátria global, de mundo global, de terra global. Seus discursos globais prometiam o céu global para todos, contanto que hoje, simples-

mente hoje sacrifícios pudessem ser feitos. Não era um céu para depois, mas as delícias da terra para agora mesmo. Chega de promessas para depois da morte. Chega de postergar as alegrias e satisfações. O gozo tem que ser agora, na materialidade da existência, na provisoriedade da vida, "no tempo que se chama hoje". Todos poderiam vender seus produtos e comprar o que quisessem. A livre circulação de mercadorias era uma palavra de ordem. Todos iriam se comunicar por uma mesma língua e já não seria mais o tormento da Torre de Babel que herdamos do passado, mas a língua do *Big Brother* ou do Tio Sam. Agora sim, agora todos e todas falariam uma língua compreensível. A livre circulação da única cultura podia ser uma evidência.

E, quem não conhecesse a língua única poderia fazer apelo a intérpretes eficazes. E, quem não pudesse pedir ajuda aos intérpretes eficazes continuaria então a usar seu bárbaro idioma, continuaria a ser excluído do sistema de benesses, continuaria com seus instrumentos primitivos, mais ou menos isolado da aldeia global. Afinal, não nos ensinaram que querer é poder?

VI

A bondade dos pais da pátria global pareceu ser, à primeira vista, duvidosa. No começo não falavam claramente de seus planos. Confundiam os espíritos nacionalistas e regionalistas. Seus discursos e ações incluíam e excluíam ao mesmo tempo. Pouco a pouco as consequências de seus planos começaram a se mostrar. O desemprego aumentava, a fome parecia crescer, os mais pobres continuavam mais pobres, as mulheres tinham empregos provisórios e eram cada vez mais usadas como mão-de-obra barata e descartável. Os governos nacionais se enfraqueciam, perdiam a autoridade mergulhados no mar das corrupções nacionais e internacionais. A Terra cada vez mais violentada apresentava sinais crescentes de morte. A escassez de recursos vitais era a palavra vivida a cada dia.

Os que tinham 'pouca fé' no sistema global, os teimosos de suas velhas tradições, os representantes de pensamentos alternativos, os pobres que não haviam visto a luz da civilização e reconhecido seu irresistível poder, estes permaneceriam mais uma vez à míngua, fora da salvação livremente proposta. Não tinham acesso a ela porque eram fracos demais ou teimosos demais para entender a "boa nova" oferecida. Não tinham aptidões para entrar no reino da liberdade e da abundância coletiva sonhada pelos doutos da pátria global!

Os novos pais ou maus padrastos da pátria falam de Deus e da Liberdade como se fossem palavras de uso conhecido. Elas estão constantemente em sua boca. Tudo é pela liberdade, com liberdade e na liberdade; mercado livre, comunicação livre, amor livre, cultura livre! Tudo é livre! Sua concepção filosófica de liberdade parece se expandir por todos os lados. E a gente estúpida e ignorante, a gente que ainda mantinha a velha tradição de continuar pensando começou a se perguntar: mas, eles nos querem livres de quê? Que liberdade é esta, deusa maior ou deusa global que nos diz o jeito de nos submetermos para sermos livres? **Querem que sejamos livres de nossa terra, de nossa cultura, de nossas tradições, de nossa língua, de nossa capacidade de criar nossa história? Eles nos querem livres de nosso sonho, de nossa própria dignidade para entrar num jogo de cartas marcadas que eles chamam de liberdade? Cartas marcadas para a liberdade! É possível aprisioná-la de novo e desta maneira?**

VII

O que esperamos construir hoje? Pacha Mama, Pátria Grande, Mundo Global ou simplesmente a vida de todos os povos com dignidade? As forças alternativas não tardam em levantar a voz. Os apaixonados e apaixonadas por uma Liberdade e Justiça diferentes começam a se reunir também globalmente. Seus sonhos foram proclamados em Seatlle, em Praga, em Québec, em Porto Alegre. Suas discussões se espalham pelos diferentes cantos do mundo provocando de novo a criatividade humana a buscar novos caminhos de convivência, nova ordem nacional e internacional baseadas na interdependência mútua e na ajuda coletiva solidária. As utopias parecem acordar de novo. Estamos convencidos de que um mundo diferente é necessário!

Os sonhos de amor e de justiça nunca morrem. Enquanto estivermos aí, estaremos sonhando juntos para que cada vida seja simplesmente este "momento" breve, esta palavra dita, esta flor desabrochada, mas com qualidade. Não conhecemos ainda o novo nome de nossos sonhos coletivos. Apenas sabemos que se inspiram no desejo mais profundo que existe em nós de que cada 'vida vale' por si mesma e que ninguém pode roubá-la de nós ou escravizá-la ou reduzi-la à loucura de narcisismos alheios. A vida, cada vida, cada flor, cada criança são expressões únicas da magnificência criativa na qual simplesmente existimos. Por isso, aqui estamos, de pé, em cada país, com paixão, firmes lutando pelo direito à "abundância" de vida!

Ivone Gebara, religiosa, teóloga e escritora.